C B
H A

40º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

PESQUISAS EM DIÁLOGO

40º COLÓQUIO DO
COMITÊ BRASILEIRO
DE HISTÓRIA DA ARTE

PESQUISAS EM DIÁLOGO

Realização

C B
H A

Co-realização

UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
RS · BRASIL

Universidade
Federal de
Uberlândia

UFRRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO

CBHA - Comitê Brasileiro de História da Arte
Fundado em 1972
Presidente de honra: Walter Zanini (*in memoriam*)

Diretoria do CBHA (2020-2022)
Presidente: Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)
Vice-presidente: Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)
Secretária: Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ)
Tesoureiro: Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo (2020-2022)
Almerinda da Silva Lopes (UFES)
Blanca Brittes (UFRGS)
Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)
Luiz Alberto Freire (UFBA)
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)
Marize Malta (UFRJ)

Comissão de Organização e Comitê Científico do 40°. Colóquio do CBHA
Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU / CBHA) (presidente)
Arthur Valle (UFRRJ)
Bianca Knaak (UFRGS)
Camila Dazzi (CEFET – RJ)
Eduardo Veras (UFRGS)
Fernanda Pitta (Pinacoteca do Estado)
Maria Inez Turazzi (UFF)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP)
Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPel)
Rogéria de Ipanema (UFRJ)
Tadeu Chiarelli (USP)

Imagem da Capa
Sandro Ka, Imagem e semelhança, 2013. Gesso e borracha, 26 x 17 x 6 cm. Foto: Santo Clic

Diagramação
Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (40: 2020)

Anais do 40° Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em diálogo (evento online), 7 -11 nov. 2020 (Organização: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). Uberlândia: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2021 [2020].

375 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

https://doi.org/10.54575/cbha.40

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do XXXIX Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte
Publicações, colóquios anteriores e demais informações estão disponíveis em:
http://www.cbha.art.br/index.html
Contato: cbha.secretaria@gmail.com

Exposições e intervenções de arte na Asa de Papel Café & Arte

Marília Andrés Ribeiro, Universidade Federal de Minas Gerais/ CBHA

Resumo

O texto mostra uma pesquisa participante sobre as exposições e intervenções de arte que aconteceram na *Asa de Papel Café&Arte,* um coletivo de arte que atua em Belo Horizonte desde 2016. Este coletivo congrega artistas, intelectuais e outros atores em torno da criação artística e da resistência política.

Palavras Chave: Arte Contemporânea, Coletivo de arte, Exposições de arte

Abstract

The text shows a participatory research on the art exhibitions and interventions that took place at Asa de Papel Café & Arte, an art collective that has been operating in Belo Horizonte since 2016. This collective brings together artists, intellectuals and other actors around artistic creation and political resistance.

Key words: Contemporary art, Art collective, Art exhibitions

Introdução

Ao longo dos anos 2000 temos observado a formação de vários coletivos de arte que reúnem artistas e intelectuais em torno de uma proposta comum, seja ela no campo das artes visuais, cênicas, musicais ou poéticas.

Em Belo Horizonte temos como antecedentes desta prática coletiva a formação dos grupos Clube da Esquina, Corpo, Galpão, Uakti, Skank, entre outros que se destacaram no cenário cultural brasileiro.

Atualmente, verificamos a articulação de diversos grupos compostos por jovens artistas que atuam na cidade, integrando a prática artística à prática micropolítica como os grupos: Jaca, Poro, Piseagrama, Espai, Instituto Undió, Galpão Paraíso, entre outros.

Neste texto focalizarei a atuação de um coletivo singular que congrega várias gerações de artistas, poetas, arquitetos e intelectuais em torno da arte, dentro de um micro espaço denominado *Asa de Papel Café & Arte*[1]. O espaço é democrático, inclusivo, progressista, aberto à participação de vários atores, e se desdobra de uma pequena sala, onde funcionava uma livraria, para a rua, a praça e o carnaval da cidade. Ao mesmo tempo é um espaço criativo efervescente, onde acontecem saraus poéticos, musicais, exposições de arte, lançamento de livros, oficinas de arte, de bordados e outras atividades, como feira de livros, de objetos usados, cinema de rua, entre outras ações.

No momento, estamos enfrentando o desafio da quarentena, através da programação de exposições híbridas, como a exposição *Um metro e Meio* de Sergio Machado; de intervenções, como a interrogação de Marcelo Xavier na porta da *Asa de Papel*. Estão acontecendo, ainda, vários eventos *on line*, tais como: *lives* com o depoimento e a *performance* de diversos participantes do coletivo; saraus de poesia; concurso de fantasias e homenagem às mulheres aladas[2].

Proponho fazer uma breve reflexão sobre o pensamento e o trabalho do artista Marcelo Xavier, idealizador do espaço, e de alguns artistas visuais que participaram da construção do coletivo, através de exposições e debates: João Diniz, Jayme Reis, Eymard Brandão, Jorge dos Anjos, Maria Helena Andrés, Paulo Mendes e Sergio Machado[3].

Usarei como marco teórico o pensamento de Felix Guattari e Suely Rolnik sobre a micropolítica[4] e como metodologia o depoimento dos artistas, bem como a análise de suas obras, situando-os dentro do contexto do coletivo *Asa de Papel Café & Arte*.

---

[1] A *Asa de Papel Café& Arte* atua na cidade desde 2016.
[2] Aladas e alados são os termos usados para designar os frequentadores do coletivo.
[3] São muitos os artistas que participam do grupo e que contribuíram com exposições no espaço, mas escolhi fazer um recorte, salientando aqueles com os quais tenho realizado um trabalho de critica e curadoria.
[4] Na linhagem do pensamento de Félix Guattari e Suely Rolnik, compreendemos a micropolítica como uma atitude crítica diante da padronização propiciada pela sociedade capitalista contemporânea, pautada pela globalização, o consumo, a padronização dos comportamentos e a serialização da subjetividade. Essa atitude crítica se dá tanto no nível subjetivo quanto no social e se concretiza nas relações políticas institucionais, comportamentais, pessoais e artísticas, enfatizando a prevalência do desejo, da singularidade e da criatividade, através de "revoluções moleculares" que acontecem no cotidiano, na comunidade e na cidade.

Marcelo Xavier

Para Marcelo Xavier, escritor, artista visual, arte educador e carnavalesco, a *Asa de Papel* é uma micro utopia, um espaço democrático e diversificado, aberto para a criação artística.

> O nosso foco é o universo da arte, das diversas manifestações artísticas, e acolhemos tudo ali, naquela garagem, sem privilegiar nenhuma manifestação em particular. Acolhemos, espontaneamente, qualquer manifestação proposta, qualquer ideia que se encaixe naquele pequeno formato: uma projeção de vídeo, uma *performance*, uma exposição, um lançamento de livros, um sarau de poesia, um papo político, acadêmico ou filosófico. Lançamos essa utopia e a coisa foi pegando, bem do tamanho dela, foi crescendo por dentro e teve uma aceitação muito grande por parte da comunidade belo-horizontina, que começou a achar o lugar simpático e a prestigiá-lo[5].

Marcelo Xavier é o idealizador do espaço e também do bloco de carnaval "*Todo Mundo Cabe no Mundo*", um bloco inclusivo, criativo, que acolhe todos aqueles portadores de necessidades especiais e que acontece em Belo Horizonte, desde 2016, quando vários blocos carnavalescos ocuparam o espaço da cidade.[6]

Recentemente, durante a pandemia, ele idealizou uma interferência marcante no passeio e na porta da *Asa de Papel*, usando a imagem de uma interrogação amarela sobre fundo preto na porta e uma barreira com tubos de pvc e fita zebrada, preta e amarela, no passeio.

Conversando com Marcelo Xavier, ele nos disse que a ideia da intervenção surgiu a partir da reunião de um grupo de alados que resolveu fazer alguma ação para marcar a presença e chamar a atenção da *Asa de Papel* em tempos de pandemia. A faixa usada no passeio, para interromper o trânsito dos pedestres, conduz o olhar das pessoas em direção à interrogação estampada na porta. A interrogação se relaciona com a dúvida da humanidade em relação à existência, uma dúvida permanente, que .continua sempre presente e toma diferentes configurações na cabeça das pessoas[7].

O conceito desta intervenção foi publicado no *instagram* da *Asa de Papel*, no dia de sua instalação.

> Essa intervenção é algo colocado intencionalmente no meio do caminho (uma pedra?) das pessoas, instigando, provocando o olhar habitual cotidiano a desabituar-se. A barreira visual montada com as faixas em preto e amarelo remetem a avisos de atenção, "em obras",

[5] Depoimento de Marcelo Xavier à autora, Belo Horizonte, 04/06/2020.
[6] A concepção da intervenção foi feita por Marcelo Xavier e a execução da obra foi realizada por Renato Machado e José Napoleão, em 23 de janeiro de 2021.
[7] Entrevista de Marcelo Xavier à autora, realizada em 10 de março de 2021.

> fechado provisoriamente, etc. A interrogação é (ideia fixa minha) quanto a nossa dúvida existencial que continua e continuará sem resposta *per saecula seaculorum*, enchendo copos e copos de cerveja nos botecos, passando cigarros inspiradores de mão em mão nas rodas de gente pra lá de boa. No mais, interrogação livre, voando solta sem compromisso de papel passado com a frase, pode ir com quem quiser levar a viagens intergaláticas, a passeios de barco no parque municipal ou flanar, flanar, flanar. Grande beijo, saudade demais! Marcelo Xavier[8]

A presença de Marcelo Xavier continua marcante na criação e preservação das ideias e das ações que acontecem na *Asa de Papel*, enfrentando os desafios que a pandemia nos impõe e criando novas soluções para a permanência da arte na vida cotidiana.

Fig. 1. **MARCELO XAVIER.** Intervenção na porta da *Asa de Papel*, realizada em 23 de janeiro de 2021.

[8] Texto de Marcelo Xavier publicado no Instagram da Asa de papel em 23 de janeiro de 2021

João Diniz

João Diniz, arquiteto, poeta, artista visual, *designer,* fotógrafo, professor e *performer*, também tem uma atuação decisiva na articulação da *Asa de Papel*. Ele não só atua como artista, mas também como curador de exposições e eventos dentro e fora do espaço, procurando um elo entre o espaço interno da *Asa de Papel* e o espaço urbano ao redor. Para João Diniz, a *Asa de Papel* funciona como "um laboratório de experimentação", onde o artista apresenta várias possibilidades de criação. Na Galeria da *Asa de Papel*, João Diniz realizou três exposições:

Ficções Verídicas[9], na qual apresentou uma série de recomposições fotográficas que emergem da superfície como um caleidoscópio multifacetado. Nas palavras de João Diniz: "As imagens expostas aparecem como mosaicos ampliados, revisando a figura inicial de cada assunto abordado e propondo um arranjo gráfico que pode ser inédito a cada composição alcançada [10].

Trama[11], que é o fruto de suas experiências com colagens, objetos e esculturas, dialoga com conceito de "transarquitetura", criado pelo artista/arquiteto, visando abranger as criações artísticas que vão além da arquitetura. Na apresentação desta mostra escrevi o seguinte comentário crítico: "Uma trama pode se transformar em um processo que se inicia com os projetos bidimensionais para uma torre utópica, se desdobra nos objetos tridimensionais de madeira e se concretiza nas esculturas de aço de João Diniz"[12].

O depoimento do artista completa o significado destas obras que envolvem a linha, o espaço e o volume.

> TRAMA são investigações através de esculturas, objetos e colagens sobre a linha no espaço, ou a linha como vetor rígido, que em combinações tridimensionais, propõe geometrias poliédricas gerando espaços e volumes num diálogo com a arquitetura, a engenharia e as artes visuais[13].

Typos Extraños [14] foi a terceira exposição de João Diniz na *Asa de Papel*, apresentando poemas/pinturas realizadas com spray sobre papelão, mdf ou tela, que revelam o diálogo intermidiático entre a poesia e a pintura, inserido dentro de um campo ampliado denominado "poematéria". Esta poética, engloba obras híbridas, mesclando poemas, aforismos, poemas objetos, *designs*, esculturas cúbicas, instalações, pinturas e *performances*.

[9] Ficcções Veridicas foi realizada durante o mês de agosto de 2017
[10] Depoimento de João Diniz para a exposição Ficções Veridicas, 29/08/ 2017.
[11] Trama foi realizada entre 14/02/2019 e 18/03/2019
[12] Apresentação da exposição Trama de Joao Diniz, 14/02/ 2019
[13] Depoimento de João Diniz para a exposição Trama, 14/02/2017
[14] Typos estraños foi realizada entre 05/03/2020 e 03/03/2020

Fig. 2 . **JOÃO DINIZ**, *Trama*, escultura em aço, 2017.

As exposições de João Diniz apresentam uma poética complexa e diversificada, dinamizam o espaço de experimentação da Asa de Papel e revelam a criatividade pulsante deste artista polímata[15].

Fig. 3 . **JOÃO DINIZ**, Typos Estraños, poema/pintura, spray s/papelão, 2020

[15] Polímata refere-se ao indivíduo que transita entre diversas áreas do conhecimento e, no caso de João Diniz, engloba a arquitetura, a poesia, as artes visuais, a música e a performance.

Jayme Reis

Jayme Reis desponta na cena artística brasileira, nos anos 1980, como um dos artistas mais criativos de sua geração. Nascido em Itabira, terra de poetas, artistas e intelectuais, desde o final dos anos 1970 ele tem se dedicado às artes visuais e experimentado várias técnicas como a argila, a xilogravura, o entalhe, a pintura, a cerâmica, o objeto, o *photoshop*[16], a fotografia, os carimbos e a *performance*.

Seguindo o eixo experimental, que remete ao pensamento de Mário Pedrosa e Frederico Morais, enfatizando a arte como "exercício experimental de liberdade", a Galeria da *Asa de Papel* foi inaugurada com a exposição *Epifhania* de Jayme Reis, realizada em 20 de julho de 2016.

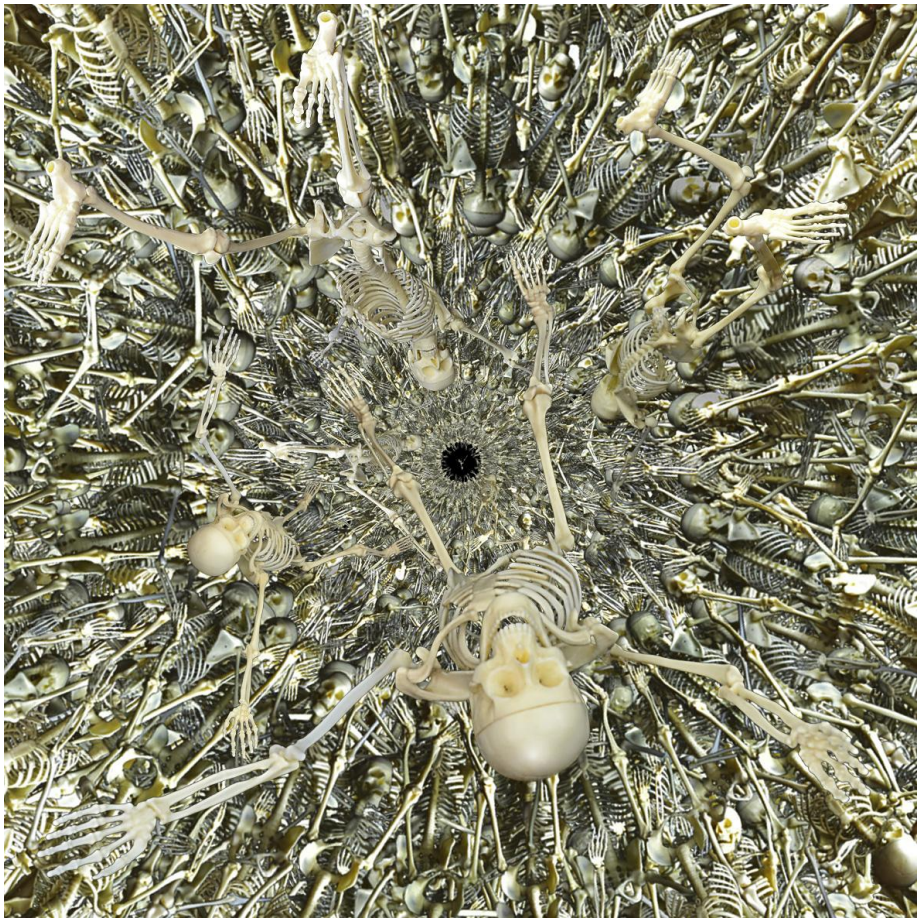

Fig. 4, **JAYME REIS,** *Buraco Negro*, *photoshop*, 2016

[16] Ver estórias e photoshops de Jayme Reis em: REIS, Jayme. Epiphania. CEMIG, Belo Horizonte, 2007. (Catálogo da exposição)

Nesta exposição, o inquieto artista, que está sempre pesquisando e criando novas possibilidades imagéticas, apresentou a série *Ephifania*. São trabalhos em *photoshop* que resgatam, com ironia e inteligência, memórias do passado, antigas iconografias de caveiras, templos, signos religiosos e apocalípticos. A série "amalgama"[17] igrejas, padres e caveiras, com cenas de sexo, fogo e fogueiras, imagens que remetem à vida e à morte, à liberdade e à repressão e que reaparecem, na série atual, realizada durante a pandemia, composta de desenhos, caligrafias e carimbos.

A imagem do *Buraco Negro*, apresentada na sua exposição, mostra uma profusão de caveiras que são sugadas para dentro de um buraco negro, revelando uma premonição do artista diante da situação trágica que estamos vivendo com a pandemia da Covid 19.

A exposição de Jayme Reis trouxe para a Galeria da *Asa de Papel* um questionamento do momento caótico que vivenciamos e, ao mesmo tempo, inaugurou uma série de debates entre os artistas, os curadores e o público, centrados no processo criativo e na arte contemporânea.

Jorge dos Anjos

Jorge dos Anjos é um artista afrodescendente, que viveu a infância e a juventude em Ouro Preto, cidade impregnada da herança colonial de Minas Gerais. Desde os anos 1970 Jorge pesquisa as várias possibilidades expressivas das artes visuais – a linha, a cor, a luz, o espaço, o movimento – e experimenta diversos materiais – a tela, o papel, o aço, a pedra, a madeira, o feltro, o plástico – retomando a sua matriz cultural afro-brasileira, através de imagens arquetípicas que remetem às fontes africanas. Suas experiências recentes incluem a *performance*, realizada com marcas de ferro e fogo sobre o feltro e com os desenhos de pólvora e fogo sobre o plástico.

Jorge não só ressignifica os símbolos das religiões afro-brasileiras, como resgata o fazer artesanal próprio do ferreiro Ogum e do pedreiro Xangô, orixás que o protegem no universo do candomblé. Seu processo criativo se dá na interseção entre o saber ancestral, revelando marcas da escravidão negra, e o saber contemporâneo de herança construtiva.

Para a exposição realizada na *Asa de Papel*, denominada *Trama sem drama* [18], Jorge apresenta uma série de trabalhos em papel recortado, dobrado e colado sobre papel cartão, que são pequenos estudos para a realização de esculturas em grandes dimensões. Através desses estudos o artista mostra o seu processo de trabalho, que envolve o fazer artesanal e a realização de protótipos onde se encontra a ideia original de suas esculturas.

[17] Termo usado pelo artista para designar a profusão de ideias e imagens que passam por seu pensamento quando está diante de uma fogueira.
[18] Trama sem drama foi a denominação que João Diniz deu para a exposição de Jorge dos Anjos, realizada entre 13/09/2016 e16/10/2016.

A presença de Jorge dos Anjos na *Asa de Papel* reafirma a abertura do espaço para a experimentação e marca a importância da presença de outros saberes no espaço diversificado do coletivo.

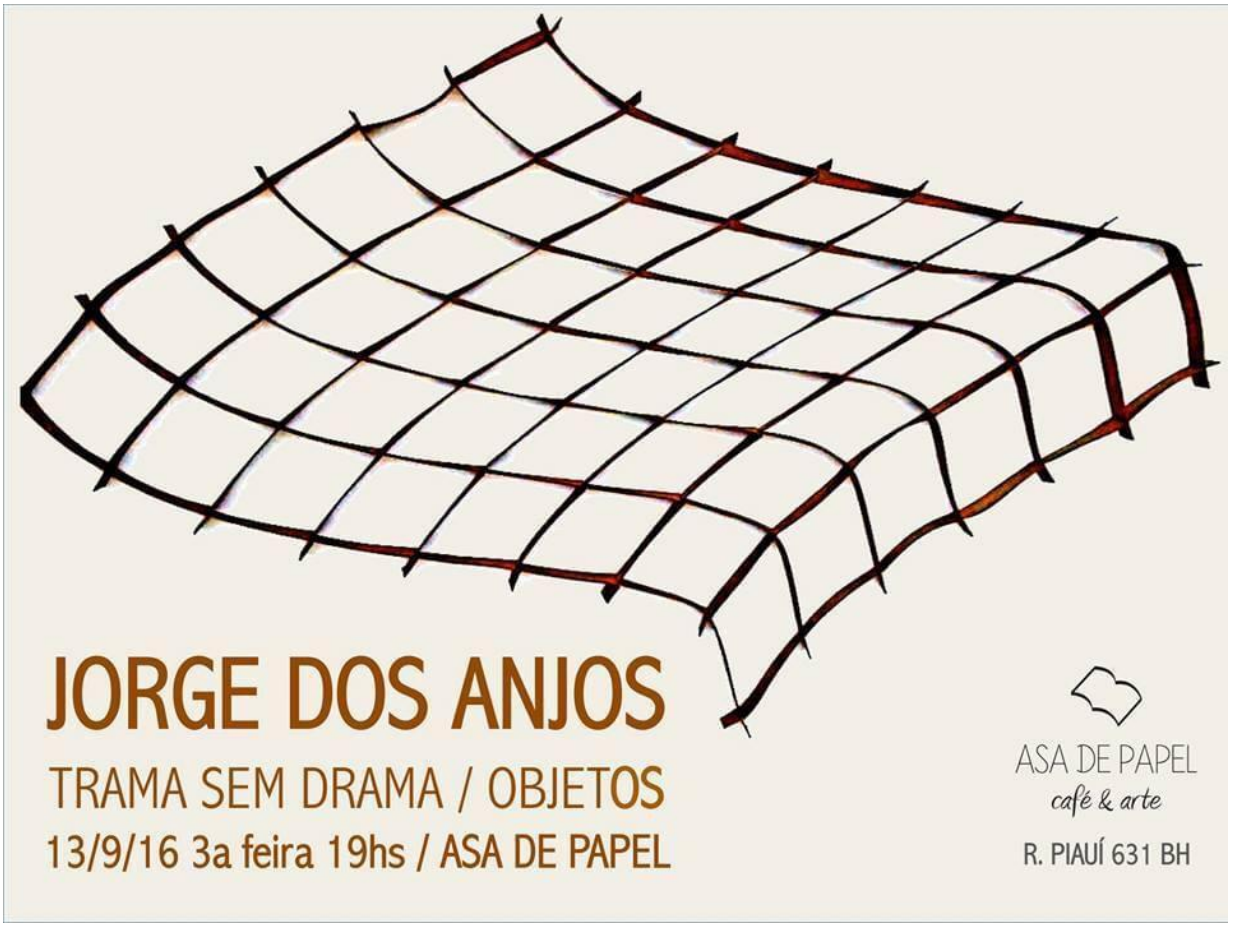

Fig. 5. Convite, realizado por João Diniz, para a exposição de Jorge dos Anjos, 2016.

Eymard Brandão

Eymard Brandão despontou no cenário artístico nos anos 1970 e tem atuado até hoje, revelando uma trajetória exemplar como artista, pesquisador e educador. No início de sua carreira os desenhos realistas de objetos urbanos e as colagens, realizadas com fragmentos da natureza, já apontavam um olhar construtivo direcionado para a paisagem urbana e natural. Recentemente, o artista vem registrando as mudanças na paisagem de Minas, através de sua pesquisa da pintura no campo ampliado, onde ele trabalha com os pigmentos naturais e os resíduos minerais para construir uma outra paisagem, aquela que é criada no seu ateliê e que resultou nas séries: *Arte em Resíduos (2010)*, *Da Pedra ao pó* (2012) e *Solo e subsolo* (2013).

A exposição de Eymard Brandão na Asa de Papel[19] mostrou um desdobramento de suas pesquisas com os elementos naturais, apresentadas em pequenos formatos para se adequar ao espaço de uma única parede. Segue o depoimento de Eymard na apresentação de sua exposição:

> Nos trabalhos que estarei expondo na Asa de Papel em 2018, dou continuidade ao desenho, no amplo sentido artístico que este termo pode sempre abranger. O espírito da linha que recebi na Escola Guignard dos anos setenta, abriu os caminhos que percorri até o presente momento. Do realismo à abstração, dos lápis com grafite até tiras de metal, vidros, tintas terras e minérios. Estes diversificados materiais que, gradativamente, foram se integrando ao meu trabalho, não fazem parte de escolhas aleatórias. Resgatados pelo olhar e o domínio de meus meios de expressão, percorrem também diversas memórias. *Da pedra ao pó*. Apresento agora oito trabalhos em técnica mista, que ocupam uma parede que está sempre aberta para nosso sentir e pensar contemporâneos[20].

O artista preparou com cuidado os trabalhos a serem expostos e fez um belo convite que mostra também a sua maestria na realização de um projeto gráfico. Sua participação na *Asa de Papel* salienta a importância da presença, no espaço do coletivo, de um artista-pesquisador, professor, atuante no campo das artes visuais.

Fig. 6. EYMARD BRANDÃO,
Convite da exposição, *Eymard Brandão*, 2018

[19] A exposição de Eymard Brandão foi realizada entre 14/03/2018 e 03/04/2018.
[20] Depoimento de Eymard Brandão para a apresentação da exposição na Asa de Papel, 14/03/ 2018

Maria Helena Andrés

Outra artista que frequenta a *Asa de Papel* é Maria Helena Andrés, artista plástica, escritora e arte educadora, que, ao longo de sua trajetória de 74 anos de arte, apresenta uma poética experimental e diversificada, abrangendo diferentes meios de expressão: desenho, pintura, litografia, serigrafia, fotografia, colagem e escultura. Na galeria da *Asa de Papel* Maria Helena apresentou uma série de pequenas colagens que remetiam à sua pintura construtiva, realizada nos anos 1950, e que se desdobrou, posteriormente, em colagens de grandes formatos. A exposição, denominada "*Eterno retorno*"[21], aponta para a retomada do passado e a recriação que a artista faz de sua própria obra .

No seu depoimento ela nos mostra como foi a gênese desta série de colagens.

> Quando fui convidada para expor na Asa de papel minha imaginação voou para os espaços mais distantes. Retornei ao meu passado construtivo, olhei para os dois quadros da época de 1950 que estavam na minha parede e logo me veio uma forma nova de aproveita-los como referência. Eram muito anos de distância e eu não tinha intenção de copia-los, mas de recriar a ideia inicial e transforma-la. Ai, surgiram as primeiras colagens, em pequenos formatos, tudo bem mini, miniaturas de quadros[22].

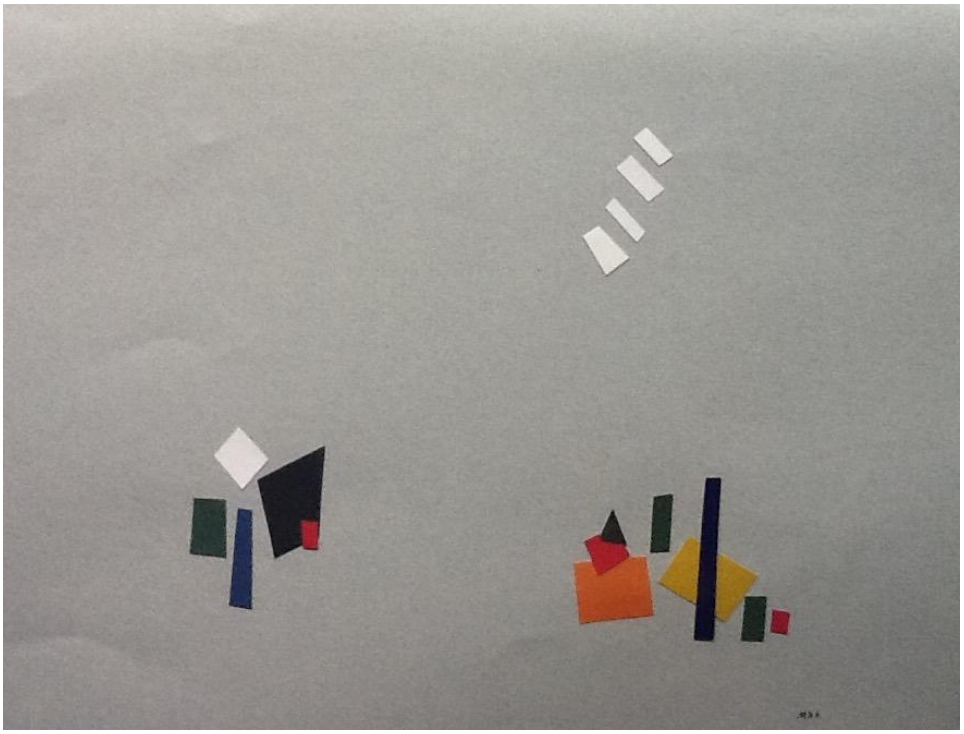

Fig. 7. **MARIA HELENA ANDRÉS,** *S/Título*, colagem s/papel cartão, 2017.

[21] Eterno retorno foi realizada entre 9/03/2017 e 3/04/2017;
[22] Depoimento da artista à autora, realizado no Retiro das pedras, Brumadinho (MG) em novembro de 2020,

A mostra de Maria Helena Andrés na *Asa de Papel* recebeu um carinhoso texto da escritora Maria Antônia Moreira.

> Na *Asa de Papel Café&Arte*, Maria Helena Andrés — artista plástica, escritora, educadora — nos brindou com sua presença marcante e delicada, abrindo a exposição "O Eterno Retorno - Colagens", com belos trabalhos de sua autoria. Em suas palavras, a exposição é um resgate do trabalho que fazia nos anos 50, agora sob outra perspectiva. Maria Helena falou de seu processo criativo; respondeu perguntas; enfatizou a importância do desenho na arte; falou sobre arte e espiritualidade, dentre outros assuntos. Concluiu dizendo que "a vida vai fazendo ciclos de recomeços nos seus vários retornos"[23].

Maria Antonia aponta o caráter educativo da presença de Maria Helena Andrés na *Asa de Papel*, que está documentada na imagem da conversa de Maria Helena com os frequentadores do espaço, durante a sua exposição. Saliento a importância do diálogo entre o artista, o curador e o público, que é realizado em todas as mostras da *Asa de Papel*, visando a conhecer melhor o processo criativo dos artistas. Este processo vai ao encontro do pensamento de Maria Helena que enfatiza a função educativa da arte na direção do crescimento humano.

A exposição de Maria Helena Andrés na *Asa de Papel* marca a presença de uma grande artista, veterana e mulher, no espaço do coletivo, contribuindo com a sua sabedoria para a troca de experiências afetivas e profissionais.

Fig. 8. Conversa de *Maria Helena Andrés* na exposição de *Colagens*, realizada em março de 2017

Paulo Mendes

Ao contrário de outros artistas, que tem um trabalho reconhecido no contexto da arte belo-horizontina, o artista/engenheiro Paulo Mendes, frequentador da Asa de Papel, apropriou-se da Galeria para apresentar, pela primeira vez, duas séries de pinturas neoexpressionistas que remetem ao

[23] Texto de Maria Antonia Moreira para a exposição de Maria Helena Andrés na Asa de Papel, 2018.

movimento da cidade, às multidões, ao transporte coletivo, à dança e à música. Nas exposições *Metrô*[24] e *Urbanas*[25]o artista amplia o espaço da galeria com pinturas que expressam o sentimento pulsante da vida urbana.

O depoimento de Paulo Mendes sobre seu trabalho, revelando a sua preferência pelo tema da cidade em suas pinturas.

> Embora seja um apaixonado pela natureza, é no cotidiano urbano que encontro motivação para minhas pinturas. Em especial nos metrôs, nas filas de supermercados e em outras situações rotineiras encontro a matéria-prima e a inspiração para meus trabalhos. São situações diversas compostas de stress, ternura, compaixão, correria; enfim, uma profusão de sensações causadas pelas pessoas no seu dia a dia. Aquilo que é comum revela-se extremamente rico quando visto com atenção através dos olhos do observador. Nesse contexto, cenas banais e corriqueiras tornam-se gigantes e extremamente cheias de significados. Em outras situações, quando assisto a um espetáculo que envolva música e dança, também percebo o público como um "coadjuvante", o que o torna uma figura de grande importância na composição daquele momento. Por isso introduzi a música e a dança nas cenas urbanas. Sou um observador contumaz do diálogo entre o artista e o público[26].

As duas exposições de Paulo Mendes na *Asa de Papel* reafirmam a abertura do espaço para os jovens talentos que despontam na cena artística da cidade de Belo Horizonte.

Fig. 9. **PAULO MENDES,** *Metrô*, acrílica s/tela, 2018

[24] A exposição Metrô foi realizada entre 21/02/ 2018 e 14/03/2018.
[25] A exposição Urbanas foi realizada entre 20/03/2019 e 29/03/2019.
[26] Depoimento de Paulo Mendes para sua exposição Urbanas na Asa de Papel Café&Arte, 20/03/2019

Sergio Machado

Finalmente, Sergio Machado, artista que está atuando na cena artística da cidade desde os anos 1980, realizou duas exposições inovadoras na *Asa de Papel*.. A primeira, *Alados Cloridogrel*, mostra objetos em madeira e papel, que remetem aos primitivos seres alados que habitaram o planeta Terra e aponta para os seres alados que frequentam a *Asa de Papel*.

A segunda, *Um metro e meio*, aconteceu recentemente durante a quarentena da Covid 19, discutindo a questão do isolamento social, através de fotografias, objetos híbridos em madeira e pedra. e intervenções dentro e fora do espaço expositivo. A exposição teve uma proposta inovadora, apropriada ao momento em que vivemos: foi realizada dentro e fora do espaço físico e ampliada para o espaço virtual da *Asa de Papel*. O público foi convidado a ficar em casa e a participar da mostra através da internet. A inauguração foi o momento em que os participantes do coletivo e os convidados tiveram a oportunidade de conversar e compartilhar outra maneira de experimentar e celebrar a arte, através das plataformas digitais.

Tive a oportunidade de participar da organização da exposição e de escrever a sua apresentação. Segue um trecho deste texto:

> Sérgio Machado apropria-se do X, marca da Covid-19, e faz interferências dentro e fora do espaço da Asa de Papel. O artista usa outro elemento, a pedra, para contrapor ao X, mostrando a permanência desta no planeta Terra. A pedra aparece viva e leve nos delicados desenhos, nas nano esculturas, nas fotografias e nas interferências urbanas realizadas pelo artista. A pedra, que está presente na poética de Sérgio Machado como afirmação da energia vital, nos convida a preservar a natureza, o entorno, o ambiente e a vida na Terra.[27].

A mostra foi inaugurada no dia 18 de junho de 2020, através de uma *Live*, apresentada no *instagram*, com a participação do artista Sérgio Machado, da *designer* gráfico Pat Kamei, da *designer* de produto Raquel Martins e de minha curadoria.

Durante o evento, Sérgio Machado fez um depoimento, onde ele fala de sua proposta poética e política, dos materiais que utiliza no seu trabalho e de sua preocupação ambiental.

> A exposição é um questionamento sobre o distanciamento social da *Covid 19*: será que este distanciamento veio agora ou já vem de algum tempo? Estamos passando por um momento muito grande de problemas sociais e políticos, o povo brasileiro ficou dividido, os amigos ficaram divididos, as famílias ficaram divididas, os irmãos

[27] Texto de minha autoria para a apresentação da exposição, publicado no catálogo virtual - Um metro e meio, Belo Horizonte, 18/06/2020

> brigaram. Teve alguma coisa que me chamou a atenção. Quando apareceu a *Covid 19* achei que foi uma oportunidade de falar sobre este assunto. E a exposição surgiu, espontaneamente, durante a quarentena, com a ajuda da Raquel, da Marília e da Pat.
>
> A pedra é um elemento que povoa o meu trabalho já há algum tempo. Eu adoro trabalhar com a pedra e acho um material fantástico. Meu trabalho tem o questionamento sobre este material que está no planeta a bilhões de anos, aliás, o planeta Terra é formado por ele. O que o homem está fazendo com a Terra? Como explicar a interferência que estamos fazendo com tanta voracidade sobre o planeta?[28].

A exposição de Sérgio Machado nos mostra duas facetas de sua arte: a do artesão que domina a matéria bruta – a madeira, a pedra, o ferro - transformando-a em arte e a do artista conceitual que propõe uma ação micropolítica ao seu redor, potencializando a discussão sobre questões contemporâneas.

Esta exposição tornou-se um marco importante na história do coletivo, abrindo novas possibilidades virtuais de atuação dos artistas e de outros atores que frequentam a *Asa de Papel*. E mais, a exposição contribuiu para a discussão da arte e dos coletivos artísticos no momento atual de crise e de pandemia no planeta Terra.

Fig. 10. **SERGIO MACHADO** ,Intervenção na *Asa de Papel*, 18 de junho de 2020

[28] Depoimento de Sergio Machado, publicado no catálogo virtual da exposição Um metro e meio, Belo Horizonte, 18/06/2020.

Concluindo, a diversidade de exposições e propostas artísticas que aconteceram e continuam acontecendo na *Asa de Papel Café&Arte* afirmam o seu potencial criativo e o seu caráter de resistência, diante da tragédia sanitária e do obscurantismo político que estamos vivendo no Brasil[29].

Referências

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely.*Micropolítica.* Cartografias do desejo. Petrópolis, Editora Vozes, 2005.

RIBEIRO, Marília Andrés. "Apoética de Eymard Brandão: da arte em resíduos à fotoplástica". *Anais do 23º Encontro Nacional da ANPAP*, Belo Horizonte, 15 a 19 de setembro de 2014.

_____."A diversidade na poética de Jorge dos Anjos".*Revista da UFMG*, Belo Horizonte, vol. 22, número 1 e 2, janeiro-dezembro2015, p.16-23 .

_____. "Jayme Reis, artista do fogo".*Revista da UFMG*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1 e 2, janeiro-dezembro 2017, p.136-147.

_____."Metrô". Apresentação da exposição*Metrô* de Paulo Mendes, Asa de Papel Café&Arte, 21 de fevereiro de 2018.

_____."Um metro e meio". *Exposição Um metro e meio. Sérgio Machado.* Asa de Papel Café&Arte, Belo Horizonte, 2020.(Catálogo virtual da exposição).

_____."Uma poética diversificada". *Poematéria. João Diniz.* (inédito). ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição. Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo. N-1 edições, 2018.

Como citar:

RIBEIRO, Maria Andrés. Exposições e intervenções de arte na Asa de Papel Café & Arte. *Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em Diálogos*, Evento virtual, CBHA, n. 40, p. 329-344, 2021 (2020). ISSN: 2236-0719.
DOI: https://doi.org/10.54575/cbha.40.257
Disponível em: http://www.cbha.art.br/publicacoes.html

[29] Uma primeira reflexão sobre este tema foi publicada em: Asa de Papel Café&Arte. Um coletivo de arte em Belo Horizonte. Arte&Crítica, Jornal da ABCA, n. 55, Ano XVIII, setembro 2020. Agradeço a colaboração dos artistas que contribuíram com depoimentos e imagens para a realização deste texto.